VIRGINIA VICTORINO

RENÚNCIA

LISBOA

3ª EDIÇÃO

Da Auctora:

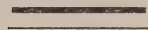
NAMORADOS (*versos*)......... 9.ª edição

APAIXONADAMENTE (*versos*).. 5.ª edição

RENUNCIA

Serão considerados contrafacção os exemplares não numerados e rubricados pela auctora.

Exemplar n.º 3021

VIRGINIA VICTORINO

RENUNCIA

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
1926

DEDICATORIA

Pelo sagrado amor que vem de ti,
amor que eu amo com amor sagrado;
pelo Ideal descoberto e realizado,
— bemdita seja a hora em que te vi!

Pelas malditas horas que vivi
no desejo de amor tão desejado;
pelas horas bemditas ao teu lado,
— bemdita seja a hora em que nasci!

Pelo triumpho enorme, pelo encanto
que me trouxeste, é que eu bemdigo tanto
a hora suave que te viu nascer...

Amor do meu amor! Amor tão forte,
que se um dia sentir a tua morte
será bemdita a hora em que eu morrer!

RENUNCIA

SUAVIDADE

Foi n'um dia tranqüillo de horas suaves,
que o teu olhar prendeu a minha vida!
— E na velha amendoeira reflorida
subiu mais alto o cantico das aves...

As nuvens eram templos, eram naves
pairando sobre a terra adormecida...
Tocava ao longe o sino d'uma ermida,
tangendo uma oração de notas graves.

Não deixavas de olhar-me; e fiquei presa
n'esse divino poema de tristeza
que eù presentia aberto para mim!

E' desde então que o teu olhar saudoso
cahe sobre o meu, tão fresco e luminoso,
como o luar quando cahe sobre um jardim...

PALAVRAS

Seja alegria, seja magua, ciume,
pena de amor, ou grito de revolta,
tudo a palavra humana em si resume;
tudo arrasta, suspenso, á sua volta!

Palavras! Ceu e inferno! Cinza e lume!
Mysterio que a nossa alma traz envolta!
Umas, consolação! Outras, queixume...
— Todas correndo como o vento á solta!

2

Tudo as palavras dizem. A verdade,
a mentira, a doçura, a crueldade...
Mas afinal, o que perturba e espanta,

é o drama das que nunca foram ditas,
das palavras pequenas e infinitas
que morrem suffocadas na garganta!

OBSTINAÇÃO

Antes eu resistisse; antes não fosse
tão longe a exaltação do meu desejo!
Quiz um amor sincero, calmo e doce;
tive-o tão perto, e tão distante o vejo!

Passa agora por mim, como um cortejo
de sombras e saudades... Apagou-se
a nota musical do ultimo beijo...
— E aquelle amor só dúvidas me trouxe!

Foste. Não voltarás. No entanto, calma,
se penso em ti, descubro na minh'alma
que já não te pertenço nem te quero.

Não voltas. Sem um grito, sem barulho,
vou suffocando em lagrimas o orgulho
e embora saiba que não vens... espero!

A ROSA DA FRUCTA

Mal o bairro desperta, rumoroso,
já ella, á porta, a longa trança ennastra!
E eil-a a caminho, sem que o busto airoso
lhe vergue nunca ao peso da canastra.

Passa. E cheira a pomar... Ao sol glorioso,
cada braço é uma fulgida pilastra!
Como um sino cantando sem repouso
o pregão sobe no ar, fluctua e alastra...

Pára a vender. Quem d'ella se approxime
logo presente a audacia resoluta
d'aquelle corpo fragil como um vime;

chega a pensar, quando o seu riso escuta,
se á summarenta graça que elle exprime
não morrerá de inveja a propria fructa...

ESPERAR

Trez annos ! Meu amor, quem nos diria
que podem tanto corações humanos !
Trez annos infinitos, sim, trez annos
em que eu julguei que nunca mais te via.

Fui formando hora a hora, dia a dia,
mil certezas, mil dúvidas, mil planos...
Tive esperanças, tive, e desenganos ;
muita coragem, muita covardia !

....

Faltam trez dias. Vaes chegar. E agora,
eu vivo a lentidão de cada hora
n'uma impaciencia que nem sei dizer-te!

Trez annos! Sim, odeio-os, é verdade.
Mas odeio inda mais a eternidade
dos trez dias que faltam para ver-te!

VAIDADE

Eu vim predestinada a este mundo!
O que sinto pairar no meu destino
tem, por ser enthusiastico e profundo,
a calorosa vibração d'um hymno!

Não me detenho em mim. Não me defino.
— Olho o mar, sem medir quanto elle é fundo...
Se vejo a chamma d'um clarão divino,
do divino clarão toda me inundo!

Vida ! Quero viver ! Que o soffrimento
seja fumo arrastado pelo vento
e que eu realize a gloria que senti !

. . . .

— Pela estrada do Orgulho iam meus passos...
E ao fim de tudo, — vês ? — pendem-me os braços,
canso, e pergunto a Deus : — Porque nasci ?

IGNORANCIA

Quantos no amor se julgam infelizes
porque insaciados de entender bastante
quem amam, querem ver em certas crises
um labyrintho amargo e torturante.

Livrae o coração de cicatrizes
que a lembrar ficam sempre um mal distante!
Colhida a flor, que importam as raizes?
Ignorar é a fortuna do ignorante...

Porquê não deter nunca o anceio eterno
de queimar na amargura d'um inferno
o Bem já tanto a custo realizado?

Conhecer! Ambiciosos que inda ignoram
todo o drama d'aquelles que se adoram
mas que já se conhecem demasiado!

VENCIDA

Sim! Venceste! Venceste! Ha no teu peito
a agitação triumphal d'um grande amor.
Passa no teu olhar dominador
a certeza do Sonho satisfeito!

Venceste, e o teu orgulho vencedor
proclama altivamente o seu direito,
sem ver que um coração, quando perfeito,
é mais escravo quanto mais senhor...

Até me agrada ouvir, de quando em quando
que a todos a victoria vaes contando,
que affirmas pertencer-te a minha vida...

Venceste! E eu te permitto o doce enlevo
sentindo que o partilho e que lhe devo
a gloria de me ver por ti vencida!

CONSOLAÇÃO

Coração dolorido, alma gelada,
assim chegaste um dia ao meu caminho.
Mãos frias, o cabello em desalinho,
a fogueira dos olhos apagada.

E eu, melhor do que então, hoje adivinho
a pagina longinqua e desgraçada
que na memoria te deixou gravada
a sensação d'um venenoso espinho...

Admira-te sentir que, desde essa hora,
eu te quiz bem como te quero agora,
n'um sonho casto, desprendido e nu.

E' que apezar da neve que trouxeste,
alguem ao teu calor inda aqueceste,
que era muito mais triste do que tu.

EM SEVILHA

Inquieta vibração de almas e amores!
Tranças negras a arder sob a mantilha.
Boccas sorrindo, ao claro Sol que brilha.
Cravos em chamma... — A tarde sabe a flores!

Toiradas! Procissões... A maravilha
coruscante de tons abrazadores!...
— Onde achar a palavra de mil cores
que diga tanto como diz: — Sevilha?!

Tem de manhã uma frescura honesta...
Ao meio dia, é uma fogueira immensa,
é um arraial toda a cidade em festa!

Ondulam chailes, sacudindo franjas...
E espreita a cada canto, alada, intensa,
a labaréda fulva das laranjas!

Sevilha — 1925

MAIOR TRISTEZA

Quando extranhas, ás vezes, que eu não ria,
que não me alegre mais para alegrar-te,
julgas talvez que tenho um mundo, áparte,
onde a tua alma em vão me buscaria.

Mas vê! Quem nada tem, nada reparte.
— E só tenho estas horas de agonia...
Amor! Porque me pedes alegria
se é justamente o que eu não posso dar-te!?

A minha propria magua me censura
de não saber curar uma amargura,
só porque em mim outra maior existe.

Mas junto da tristeza, ai, quem soubesse
dizer até que ponto me entristece
esta tristeza enorme de ser triste!

QUEIXA

Soffri. Na melancholica saudade
quiz ver consolação, achei tormento.
E perdi-me no amargo desalento
dos que julgam perdida a mocidade!

Pensei, — para encontrar no pensamento
forças com que aturdir esta anciedade...
— E é mais escura a sombra que me invade,
é mais pesado ainda o soffrimento!

Mas subiu sempre, cada vez mais alto,
a maré viva que em meu sangue exalto
n'uma violenta e doida exaltação.

Não pensar! Não soffrer! Lei sem sentido
para quem tantas penas tem soffrido...
— Ai! Pudesse eu calar o coração!

INCOHERENCIA

Sempre o mesmo. O veneno d'uma intriga...
e outras miserias a que dás apreço!
Queixas... Insinuações que eu não mereço...
Tristezas a que o mundo nos obriga.

Pediste as cartas... — E' maneira antiga,
fora de moda, — eu nem te reconheço!
Mandei-t'as porque um Bem de tanto preço
não póde estar nas mãos d'uma inimiga...

Mas ao juntál-as, sem reler nenhuma,
inda julguei sentir, de cada uma,
erguer-se a luz do teu olhar absorto.

E eu que fôra por ellas enganada,
vendo-as partir, chorei, tão desvairada
como quem chora por um filho morto!

TREZ PERSONAGENS

Em pleno inverno e no calor de Agosto,
vejo-os passar, na tarde loira ou baça...
Ella, tem distincção, tem certa graça,
certa elegancia calma, de bom gosto.

Leva um livro amarello. Bem disposto,
um galgo inglez, cheio de nervo e raça,
acompanha-a. Sei sempre a que horas passa,
grave, serena, esphyngica; — ao Sol posto.

Quem é? *Quem são?...* Nem lhes conheço o nome!
O acaso, por acaso, destinou-me
a vêl-os passar juntos, todos trez...

D'onde vêm? Onde vão? — Quem o advinha?
O que eu sei, é que passam á tardinha
ella, o livro amarello, e o galgo inglez...

AMBIÇÃO

Cahe a tarde... Monotono, incessante,
vibra o murmurio longo da cidade...
A luz que fôra rubra é já hesitante;
foi orgia, vae ser perversidade.

— «Deixa que em reza as minhas mãos levante,
oh meu Deus de suprema suavidade!
Troca-me o mal d'esta ambição constante
pelo bem d'uma simples humildade!»

. . . E a reza é inutil. Fecho os olhos. Scismo...
Quem me dera ser astro, ser abysmo,
tudo o que vida e morte em si resume ;

ser o mar, ser o tojo, a pedra, o monte,
a lagrima e o riso, a sêde e a fonte,
silencio, grito, ideia, sombra, lume !

VERSOS A' MINHA MÃE

Venho de longe, caminhando, incerta.
Chego desilludida, — o olhar cançado...
Venho ver se de novo em mim desperta
o luminoso encanto do Passado.

Affligiu-me o barulho da Cidade.
Maguada e triste, eis-me de novo aqui,
sedenta de alcançar tranquillidade
n'esta casa tranquilla em que nasci.

Ao vêl-a, tão caiada, tão pequena,
que ternura me aquece o coração!
Como se transfigura a minha pena
n'uma consoladora quietação!

Deixo atraz os caminhos pedregosos...
Tudo revivo, emfim, tudo relembro:
— dias de Junho, ardentes e cheirosos,
frigidissimas noites de Dezembro...

Era tão bella n'esse tempo a vida!
... E fico-me a scismar... Oh minha Mãe,
dá-me a tua saudade enternecida,
anda commigo recordar tambem...

Alli, n'aquelle canto, é que eu brincava;
dormia n'este quarto; a essas janellas
horas e horas sem fim me demorava
encantada no enygma das estrellas...

Eu era alegre, então?! — Mal se adivinha...
Dizes que tinha um riso claro e franco,
e me trazias sempre vestidinha
com bibes de riscado azul e branco...

N'aquelle tempo a força da tristeza,
oh minha Mãe, era menor que a tua,
porque tu me embalavas na certeza
de que o mundo era apenas... esta rua.

No que ao depois a vida foi trazendo,
— desillusões, tristezas e cansaços, —
sempre mais e melhor fui aprendendo
quanto vale o refugio dos teus braços!

E hoje não temo a dor; nem a amargura
tem poder de ensombrar a minha sorte.
Vive! A luz dos teus olhos, calma e pura,
torna-me alegre, equilibrada e forte!

Entre tanta chymera transitoria,
só este amor eternamente brilha!
É o supremo fulgor na minha historia...
— Louvado seja Deus por esta gloria
de permittir que eu seja tua filha!

CILADA

Para quem da ventura se ennamora,
é raro que a ventura um mal não traga...
E ninguem sabe o preço por que paga
o encanto fugitivo d'uma hora!

Toda a promessa é enganadora e vaga.
Junto de nós, o Bem não se demora...
A bemdita illusão que hoje se adora,
faz doer ámanhã como uma chaga!

Mas a cilada extrema da ventura
é mostrar-se ao desejo que a procura,
como um sonho vazio de sentido;

o coração, na sombra em que adormece,
não a sabe entender, não a appetece...
Adóra-a só depois de a ter perdido.

ALCACER-KIBIR

E um dia, — ha quanto tempo! uma ambição suprema,
se diluiu pelo azul intenso que nos cobre...
E esta longa planicie atormentada e pobre
é uma folha dispersa onde está escripto um poema!

Cada palmo de terra, até á orla extrema
que ao longe, muito além, se occulta e se descobre,
ouviu o hymno triumphal transfigurar-se em dobre,
teve um beijo mortal de bocca que blasphema!

Anda o sangue a pairar no horizonte incendiado;
toda a vida em redor, se adormenta e se esfuma.
«Real! Por D. Sebastião»! — As sombras do Passado!...

Anciosa de encontrar um deus em que as resuma
a alma avista no sol o eterno Desejado
que chega a Portugal pelas manhãs de bruma...

Alcacer-Kibir
2-10-1924

RESIGNAÇÃO

— «Só a resignação, quando é sincera,
ainda nos consola ou nos illude.
Se outras altas virtudes não tivera,
bastava-lhe essa altissima virtude.

Não ha pena de amor, que não ajude;
inverno a que não traga primavera...
Dá um pouco de alegria e de saude
ao desespero de quem nada espera.» —

Assim a ouvi cantando á minha porta,
— promessa inutil d'um favor divino, —
quando a minha illusão já estava morta.

De que servia a esmola d'um disfarce,
se a Dor é toda a gloria, no destino
dos que não podem nunca resignar-se !

MAGUA

Eu que cheguei a ter essa alegria
de junto ao meu possuir teu coração !
Eu que julgara eterna a duração
do voluptuoso amor que nos unia !

Sou, apagada a ultima illusão,
morto o deslumbramento em que vivia,
um cego que ao lembrar a luz do dia
sente mais negra ainda a escuridão.

Tu me deste a ventura mais perfeita ;
perdi-a, e dei-te a chamma insatisfeita
d'essa immensa paixão com que te quiz...

Hoje o que eu sinto, inutil, revoltada,
não é magua de ser tão desgraçada ;
— é pena de ter sido tão feliz.

PROCISSÃO

Gente. Um alto clamor enchendo a rua.
Um confuso rumor de echos extensos.
Mulheres rindo... E o sol mais accentua
o colorido barbaro dos lenços!

A alma do povo, calorosa, nua,
vibra afogada em mil clarões intensos...
Sinos ao longe... A vida se attenua
Nos corações calados e suspensos.

Surge o primeiro andor. Treme. Vacilla.
Um Christo alonga o olhar, banhado em pranto,
na multidão. Parece presentil-a

curiosa d'outra crença, d'outro encanto;
parece erguer ao Ceu a voz tranquilla:
— « Seria inutilmente?... E soffri tanto!» —

PRIMAVERA

Renasce a terra allucinada! Os ninhos
despertam pouco a pouco. Anciosamente,
n'um doido abraço, n'um abraço ardente,
abraçam-se as raizes, nos caminhos!

Que vibração de amor! Andam sósinhos,
beijos cantando no ar. Corre, fremente,
o sangue que se exalta, rubro e quente,
preso á volupia de ignorados vinhos!

Primavera divina, luminosa!
Resurreição! Resurreição gloriosa!
Eterno reflorir d'um sonho eterno!

Tem piedade d'aquelles que são tristes;
dos que ao ouvir-te proclamar que existes,
mais se afundam na dor d'um longo inverno!

EXTASE

Não soffras mais, amor. Não digas nada.
Vem commigo. Eu te levo! A noite é densa,
e a exaltação do mar ficou suspensa,
n'uma pausa dormente, prolongada...

Não tarda muito a abrir a madrugada.
Vem commigo! Não penses! Não se pensa!
Vem á conquista da aventura immensa,
ouve a minha ternura apaixonada!

Vê como é grande o sonho que eu persigo...
Não soffras mais. Vem percorrer commigo
outro paiz mais bello e mais distante...

Vamos! Vamos no rasto da chymera,
para onde seja eterna a primavera
e a voz divina das estrellas, cante!

A SERRA

Inutilmente o sol, em fulgidos arroubos,
quer vêl-a palpitar sob a immensa luzerna,
e lhe manda, a tremer na altura onde governa,
seus arautos de luz, garridos como bobos!

Serra! Desolação, mysterios, crimes, roubos,
sombras, n'um rodopiar, de caverna em caverna...
Serra! A ferocidade altiva, a furia eterna
que em fel se destillou no coração dos lobos!

Tem, em ribeiras mil, que saltam de entre a urze
sobre rochas brutaes de limosa calvicie,
chibatas de crystal com que a si propria zurze.

Cavalleiro e corcel d'uma Cruzada extranha,
despreza a estagnação dormente da planicie
que não sabe sentir desvairos de montanha!

MENTIRA

Releio as tuas cartas ; e, consciente,
agora que morreu todo o enthusiasmo,
tremo de humilhação, tremo de pasmo,
se vejo esta palavra : — eternamente.

O que ficou do poema ancioso, dás-m'o
tão desmentido já, tão differente,
que essa grande palavra : — eternamente —,
só me diz amargura, fel, sarcasmo !

Juravas ser eterno o que sentias?
Que eternamente me pertencerias?
Quanta descrença o coração me invade!

Ah, meu perdido amor, vê que loucura!
Nunca se fez tão mentirosa jura,
ou nunca foi tão breve a eternidade . . .

AS TUAS MÃOS

As tuas mãos são azas palpitando
n'um grande vôo apaixonado e forte!
Aguias, levam comsigo a minha sorte,
— e a minha propria sorte as vae levando...

Não sei de angustia que me desconforte,
se no teu gesto poderoso e brando
olho os dedos esguios desenhando
a estrella que me attrahe, porque é meu norte!

Nem sabes, meu amor, nem adivinhas
quanto aqueceste n'essas mãos leaes
outras que estavam frias e sósinhas!

Quizesse Deus que eu fosse aonde vaes,
e as tuas mãos prendessem tanto as minhas
que não se desprendessem nunca mais!...

VINDIMA

Nodosa, maternal, a cêpa rude
levanta ao collo um tremulo thesoiro;
e na doçura dos seus bagos de oiro
tem guardada a illusão que tanto illude...

Tudo em breve cahirá, no sorvedoiro
d'um lagar negro; e álmude sobre almude,
como agua prisioneira n'um açude,
o mosto ha-de ferver, pisado e loiro.

Depois, cada videira vindimada
lembra um soldado que tombou na guerra
sem perceber a gloria da jornada,

mas vae, findo o torpor em que se encerra,
florir, á primavera renovada,
todos os sonhos que bebeu na terra.

PECCADORES

"Este é o altivo peccador sereno„

OLAVO BILAC.

I

Vejo o peccado e, muitas vezes, scismo
se não será mais baixo peccador
o que pecca e disfarça e, por temor,
não ousa, em plena luz, dar-se ao abysmo.

Esse, mais por mentira que pudor,
vae negando o seu proprio fanatismo,
covardemente escravo d'um egoismo
que é, só por si, peccado ainda maior.

Esse é o culpado, porque cego e tonto,
de falsos preconceitos não abdica . . .
Nem á luz do perdão se enterneceu !

Não vê, na lei de Deus, até que ponto
na expiação maior se purifica
o que em maior peccado se perdeu!

II

Esse outro é o pèccador que sem um grito,
de nervos calmos, coração sereno,
devorando mil taças de veneno,
sente a alma sem mancha e sem delicto.

E' o que attingiu o orgulho do granito . . .
O peccador que, misero e pequeno,
tocando o lodo vil e o mau terreno,
mais alto abriu as azas no Infinito !

E' o heroe que, insensivel ao contagio
viu naufragar a vida e, sem naufragio,
vê que em si proprio mais e mais confia !

E' o que, sentindo a maldição do mundo,
se entrega a Deus, magnifico e profundo,
e as maldições do mundo desafia.

CHUVA

O festivo torpor d'este domingo
desfez-se em agua. As ruas já vão cheias.
Ha vozes apressadas e plebeias
que atravez da vidraça mal distingo.

As minhas oppressões, desafoguei-as!
— Sinto emfim que me rio e que me vingo,
ouvindo a chuva fria, pingo a pingo,
tinir nos vidros, rhythmica, em colcheias . . .

Sou feliz! Sou feliz sob esta chuva
que a cidade vestiu como uma luva
e que sobre ella ruge, brilha e rola...

Abro a janella. Vae parar. Levanta.
Na agua-furtada, em frente, esvoaça e canta
como doido, um canario na gaiola!...

RESURREIÇÃO

Vieste na bruma das melancholias...
Nem eu me esqueço nunca da incerteza,
da solidão, da sombra, da tristeza
que n'esses olhos languidos trazias!

Deras a outra, ingenuo, sem defeza,
o coração que no teu peito erguias;
e ella deu-te cravado de ironias
o que lhe deste cheio de pureza!

Se uma na chamma se queimou, queimando,
se outra a chaga curou, ao fogo brando
do amor-consolação, — bem pouco importa!

Ella accendeu a luz que cega e exalta...
Mas eu tive uma gloria inda mais alta:
— fiz renascer uma fogueira morta.

DIA DE SOL

Doe-me este dia luminoso e quente.
Tanta luz, tanto sol, tanta alegria,
são quasi uma despotica ironia
para quem soffre silenciosamente.

Ceu azul! Ceu azul! A grande orgia
entontece, deslumbra toda a gente...
A luz canta! E, meu Deus, ninguem presente
que se possa morrer com este dia!

Comtudo, olhando em volta, quantas vidas
como um cortejo de almas esquecidas,
agora, junto a nòs, hão de passar,

seguindo, — vagas sombras de calvario! —
á procura d'um canto solitario
onde, sósinhas, vão emfim chorar!

INSATISFEITA

Não havia ambição que eu não tivesse
a illuminar-me o coração risonho!
Tinha o fervor ardente d'uma prece
a ardencia fervorosa do meu sonho!

Se os olhos no Passado agora ponho,
não vejo nenhum bem que me trouxesse.
Presinto um vago anoitecer tristonho...
E é dentro de mim propria que anoitece!

Quiz muito? Pedi muito a quem amava?
Mas «tudo o que alcancei» não me bastava!
Tamanho amor ninguem o entende. Entende-o

talvez a gotta de agua, que é bastante
para uma sêde longa e torturante,
mas tão inutil para um grande incendio...

A FORJA

A rua é negra, estreita. No ar se entorna
um diffuso clarão, incerto e falho.
Creanças sem cor, d'uma alegria morna,
brincam, na poeira, em montes de cascalho.

Vem da forja um rumor. E pára... E torna...
— Um rumor de fadiga e de trabalho... —
Sobre o corpo submisso da bigorna,
o ferro canta, no bater do malho.

Saltam faúlhas doidas, aturdidas...
Tine e retine o ferro, ao desprendêl-as
como enxames de abelhas perseguidas...

Que sôis? — pergunto anciosa de entendê-las.
Bagas de suor das mãos ennegrecidas?
Gottas de sangue? Multidões de estrellas?

SERENIDADE

Não te guardei rancor. Toda a violencia
d'essa paixão que nos meus olhos viste,
se algum dia existiu, já não existe;
foi loucura de amor, sem reincidencia.

Passou. Vae muito longe... Agora vence-a
uma serenidade um pouco triste...
Quero lembrar-te, e o coração resiste;
quero ver-te e és Passado, Bruma, Ausencia...

Na vida, o sentimento mais profundo
vem a acabar na emmaranhada rede
dos desenganos a que o leva o mundo...

Nada te peço, e a Dor não me consóme:
— Agua que já mataste a minha sêde,
— Pão que já saciaste a minha fome!

RENÚNCIA

Fui nova, mas fui triste; só eu sei
como passou por mim a mocidade!
Cantar era o dever da minha edade...
Devia ter cantado, e não cantei!

Fui bella. Fui amada. E desprezei...
Não quiz beber o phyltro da anciedade.
Amar era o destino, a claridade...
Devia ter amado, e não amei!

Ai de mim! Nem saudades, nem desejos;
nem cinzas mortas, nem calor de beijos...
— Eu nada soube, nada quiz prender!

E o que me resta? Uma amargura infinda:
ver que é, para morrer, tão cedo ainda,
e que é tão tarde já para viver!

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA IMPRENSA LUCAS & C.ª,
RUA DO DIÁRIO DE NOTÍ-
CIAS, 57 E 61, EM LISBOA,
AOS 23 DE FEVEREIRO DE
1926